

Jovens mulheres, internautas feministas: um estudo sobre os sentidos e significados acerca das relações de gênero e geração

Resultado de pesquisa concluída

Grupo de Trabalho 22: Sociología de la infancia y juventude

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

E-mail: lbassalo@uol.com.br

Universidade do Estado do Pará / Universidade da Amazônia

Resumo:

A juventude é um conceito que apresenta várias perspectivas sobre ‘ser jovem’, um mosaico de concepções que invisibilizam, desistorizam ou minimalizam os papéis sociais destes sujeitos na sociedade. Este comunicação apresenta uma pesquisa sobre jovens mulheres feministas, no *blog dialogoj*, entre 2007 e 2010. Utilizando o Método Documentário selecionou dois documentos como fonte: a Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (2008) e o Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do CONJUVE (2009). A análise apontou duas orientações coletivas: enfrentar o sexismo na organização da juventude brasileira e criticar a visão adultocêntrica do movimento feminista. A ênfase nas duas condições anuncia tensões e sustenta o lugar de onde falam. São jovens. São mulheres.

Palavras chave: Juventude, feminismo, adultocentrismo

Introdução

Nascidos no mundo tecnológico e digital, os/as jovens contemporâneos utilizam o espaço virtual como via alternativa de ampliar, manter ou conquistar relacionamentos, enquanto que, para a geração anterior, os relacionamentos dependiam de espaços institucionalizados e socialmente destinados a esse fim. A juventude contemporânea lida naturalmente com a tecnologia, especialmente com a internet, e estando a frente de todos os grupos geracionais, representa por um lado o “autêntico empoderamento destes grupos de idade, como geradores das condutas inovadoras”¹ (Gil, 2010, p.88) e por outro implementam “novos padrões de relacionamento, agrupamento e relacionamento social” (Gil, 2010, p.88). Enquanto as gerações anteriores viram nascer o ciberespaço e o percebem como uma cisão entre antigas e novas formas de informação e comunicação, para os jovens, a geração internauta², não há a dimensão de novidade, posto que, a internet, é algo dado, compõe seu cotidiano, faz parte da realidade no qual estão inseridos e não lhes causa estranheza.

Respondendo as críticas de que a sociedade em rede seria a sociedade do isolamento e da perda do contato face a face, Castells (2006), com base em pesquisas realizadas em diferentes países, afirma que os usuários da internet tendem mais à sociabilidade, têm mais contatos afetivos, mais amigos, são mais ativos politicamente do que aqueles que não fazem uso da internet. Esta interpretação o faz afirmar que “as pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades” (Castells, 2006, p.23).

¹ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

² Definição apresentada por Bassalo (2012).

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre jovens mulheres que num percurso eminentemente juvenil, desenvolvem uma cibermilitância, buscando compreender sentidos e significados presentes entre de jovens mulheres feministas, através do acompanhamento das postagens em um blog mantido por afiliadas da ABJF - Associação Brasileira de Jovens Feministas, o *dialogoj*³, no período de 2007 a 2010. O blog constituiu o corpus da investigação por apresentar como singularidades: ser criado e mantido por jovens mulheres; declarar a intenção de se aproximar de outras jovens que se identificassem com o feminismo em diferentes estados do Brasil; utilizar o espaço virtual como um instrumento de socialização de informações e participação em eventos feministas.

Ao integrarem-se as várias possibilidades de participação no campo do feminismo através da rede, as jovens desenvolvem uma apropriação simbólica acerca de quem são identificando-se e, sentindo-se parte do seu grupo geracional, de uma concepção de mundo. Além disso, segundo Harcourt (2005) o desafio que se coloca para aquelas que buscam a justiça de gênero se refere a “usar o ciberespaço não apenas como uma ferramenta imediata de capacitação para suas necessidades estratégicas, mas para abrir seu potencial para outras”⁴ (s/p).

Através do *blog* as jovens anunciam uma formalização em torno de sua atividade e a formulação da noção de que não basta informar, servir de veículo através deste espaço virtual. Acreditam que é necessário utilizá-lo para articular, reunir, estabelecer-se como um canal de comunicação. Assim, tomadas como representantes de uma geração que socializa informações e concepções de mundo, que redimensiona as formas de sociabilidade e associação por meio da internet e suas ferramentas, algumas questões foram elencadas: quais são os sentidos atribuídos pelas jovens a sua associação? Que posicionamentos assumem? Quais significados estão presentes quando afirmam que são mulheres e jovens?

Acerca da pesquisa

Para responder a estas questões, a pesquisa elegeu como fonte, dois documentos que compõem o acervo dos posts do blog: a Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, aprovado em 15 de março de 2008, em Maracanaú, Ceará, por ocasião da realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas e o documento Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do Conjuve de 2009.

O percurso desenvolvido nesta investigação foi traçado a partir do pressuposto da pesquisa qualitativa reconstrutiva, especificamente da interpretação, como princípio do Método Documentário, no sentido de apreender orientações coletivas presentes em determinado grupo já que este método considera qualquer dado da experiência como passível de investigação científica.

Proposto originalmente por Karl Mannheim (1921/22), o método documentário destina-se a compreensão da *weltanschauung* ou visões de mundo de um determinado grupo social. De acordo com Weller et al (2002), tanto os produtos culturais privilegiados como a arte, quanto as ações cotidianas dos sujeitos, são objetos passíveis de análise a partir deste método. A utilização do Método Documentário, como instrumento de análise de dados qualitativos, deve-se a Ralf Bohnsack, sociólogo alemão, que na década de 80 do século XX, o retomou e atualizou tanto do ponto de vista da concepção do método, quanto do procedimento metodológico (Weller, 2002; Welleretal, 2005; Weller, 2010; Bohnsack&Weller, 2011).

O Método Documentário pode ser visto como uma ferramenta que auxilia a investigação de grupos e indivíduos em contextos sociais desconhecidos ao/a pesquisador/a, possibilitando a interpretação das visões de mundo, das ações e formas de entendimento presentes naquele conjunto de experiências (Weller, 2005).

Constituiu-se como pressuposto teórico da pesquisa, a identificação de que as diferentes definições de juventude apontam para uma dimensão que nega a inscrição no presente, por

³<http://dialogoj.wordpress.com/>

⁴ Tradução livre do original em inglês.

compreender a juventude como um não ser ou algo que supõe um vir a ser. Não admitem sua existência e embora reconheçam que o/a jovem existe materialmente, apontam para o futuro, para o/a adulto/a que será, ou seja, a juventude quando definida como faixa etária, fase da vida e geração do futuro parte do princípio que a juventude não é, porque está em construção o ser adulto.

Além disso, estas definições partem da perspectiva que supõe uma oposição imediata a um/a outro/a, jovem-adulto, anulando as possibilidades de convivência destes atores sociais em bases igualitárias, o que de acordo com Duarte Quapper (2001), parte de “uma matriz adultocêntrica de compreender, compreender-se no mundo e as relações que nele se dão”⁵ (p.62). De acordo com Dayrell (2003) em nome do que virá, em nome do futuro “tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro” (p.41). Entretanto para Taguenca Belmonte (2009) “o conceito de juventude não poderemeter-se ao futuro porque assim deixa de ser para ser sua contrapartida”⁶ (p.163).

Assim, nesta investigação partiu-se do reconhecimento da existência histórica e material da juventude, considerando-a como *grupo geracional*. O conceito de geração baseada na escola alemã mannheimiana, instrumentaliza a análise da juventude, de acordo com Weller (2007), pois possibilita desenvolver uma compreensão de um ponto de vista sociológico dos grupos sociais que emergem em determinado período e lugar. Entendida como grupo geracional, admite-se que a juventude tanto recebe uma herança cultural da geração anterior, como se aceita que produz novos significados derivados da sua própria geração já que, de acordo com Mannheim (1993), a “criação e a acumulação de cultura não se realizam pelos mesmos indivíduos”⁷ (p.211).

Jovem e mulher: identificando contradições

As jovens doDialogoj utilizaram a nomenclatura, Articulação Brasileira de Jovens Feministas, pela primeira vez, no post de 02 de fevereiro de 2008, intitulado: I Encontro Nacional de Jovens Feministas! Nova data, mesmo local!. Nos posts anteriores, identificavam-se como jovens feministas, assumiam a tarefa de ocupar um lugar na rede, veicular informações do campo do feminismo, sem fazer referência a uma forma de organização mais estruturada. Ao empregar o termo, anunciam uma formalização em torno de sua atividade e a formulação da noção de que não bastava informar, servir de veículo, mas era necessário articular, reunir, estabelecer-se como um canal de comunicação entre as jovens e o campo do feminismo.

Após oito meses de funcionamento do blog, no post, de 27 de abril de 2008, intitulado Resultados do Encontro, encontra-se o documento denominado Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas⁸ aprovado em 15 de março de 2008, em Maracanaú, Ceará, momento em que foi realizado o I Encontro Nacional de Jovens Feministas e onde se desenvolveu a ideia de uma articulação nacional de jovens mulheres interessadas ou já vinculadas ao feminismo.

Na carta, as jovens afirmam que essa organização surgiu “a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes” e declaram assumir o “compromisso com as lutas feministas, incorporando e defendendo as bandeiras de luta dos feminismos que compõem o movimento feminista”, bem como a tarefa de “dar visibilidade a pauta das mulheres jovens nos movimentos feministas e nos movimentos de juventudes”.

Esta posição já anuncia a demarcação de duas condições, gênero e geração, que articuladas, mulheres jovens, sustenta o lugar de onde falam: são mulheres e jovens. Reconhecendo-se como tais,

⁵Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol

⁶Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol

⁷Tendo em vista que a tradução do português foi feita a partir de uma tradução do inglês, consideraremos o texto de Mannheim (1993) em espanhol, já que este foi traduzido diretamente do original, e se encontra de acordo com os conceitos apresentados em outros autores. Sendo assim todas as citações desta obra são traduções livres do original em espanhol.

⁸Disponível em: <<http://dialogoj.files.wordpress.com/2008/04/carta-de-principios-de-articulacao-brasileira-de-jovens-feministas.pdf>>.

localizam particularidades que não são contempladas quando estas posições são consideradas separadamente, indicando que nem o feminismo reconhecia as peculiaridades das mulheres jovens, nem a militância no campo da juventude evidenciava as questões da jovem mulher.

Ao localizar estas contradições em cada um dos campos, feminismo e juventude, as jovens demonstram uma aguda interpretação sobre a sua condição como jovem mulher, e como mulher jovem. Não se trata apenas de um trocadilho, mas de concepções sobre o lugar que ocupam em cada uma das esferas por elas identificadas.

No que se refere a sua condição como mulher e jovem, indicam as dificuldades do feminismo de integrar as novas gerações, de partilhar suas conquistas ou dificuldades com as mais jovens, de formar uma nova geração de feministas, e uma disposição para intervir nessa situação.

Declaram-se feministas mesmo que tenham a chance de não ser reconhecidas como tal, por serem jovens, e enfrentam a ausência da transmissão geracional no interior do movimento feminista, dispondo-se a ser feminista, a despeito do que as feministas adultas possam dizer sobre elas. Possivelmente pela ausência de reconhecimento do movimento feminista adulto das suas demandas enquanto jovens, do lugar de voz e voto, articulam-se enquanto jovens mulheres na Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF).

Já no tocante a condição de ser jovem e mulher, enfrentam o sexismo no interior da organização da juventude brasileira formalmente. No *post* de 20 de outubro de 2009, avaliam o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), através do documento Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do CONJUVE 2009⁹.

No parágrafo que antecede o link para o arquivo, convocam as jovens para participar das eleições do conselho, afirmando que “este é um espaço que carece de intervenção feminista para a garantia dos direitos humanos das jovens mulheres”.

No texto do documento afirmam:

Alertamos que as políticas públicas de juventude no Brasil tem se orientado por uma perspectiva universalista que desconsidera as particularidades das jovens mulheres e tem contribuído para agravar e aprofundar as desigualdades de gênero, principalmente entre gerações.

Em sintonia com o discurso feminista que recusa a universalidade do sujeito, e a universalidade da mulher, assumem a atitude de denúncia e provocação dos seus pares, em termos geracionais, para as práticas de segregação com base na distinção de sexo. O alerta é acompanhado de uma exigência:

Reivindicamos uma política pública de juventude que considere e reconheça as jovens mulheres como sujeitos pensantes, propositoras e parceiras na implementação de políticas públicas que contribuam para o enfrentamento da situação de extrema vulnerabilidade em que vivem as jovens mulheres no Brasil.

A posição das jovens é enfática. Não pedem, não lembram. Reivindicam. Exigem o reconhecimento da mulher na juventude e recusam a posição passiva e alienada das discussões políticas que não as inclui. Exigem o lugar da formulação, da decisão e do encaminhamento, da realização das alterações sociais que por ventura venham a ser realizadas ou sejam resultantes das políticas públicas. Subjaz a essa crítica contundente, a análise acerca das relações de opressão baseadas na distinção de sexo, como construções sociais que promovem relações de hierarquia e dominação, presentes na esfera de representação juvenil, o Conselho Nacional de Juventude.

⁹Disponível em: <<http://dialogoj.files.wordpress.com/2007/08/posiciona.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2009.

A despeito dessas duas situações de incongruência e contradição interna aos dois campos, na Carta de Princípios do grupo, encontra-se a delimitação do caráter de sua organização:

A Articulação Brasileira de Jovens Feministas é uma rede constituída por mulheres jovens independentes, de organizações e movimentos: negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil.

Tem um caráter democrático, suprapartidário, anti-capitalista, anti-racista, antipatriarcal, anti-lesbofóbico, não sexista, não adultocêntrico, não confessional, não hierárquico e não governamental. Surge a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes.

Ao atribuir o caráter de rede à Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), as jovens revelam o vínculo a uma forma de ativismo político e de empoderamento que se opõem a centralização e hierarquização das relações. A rede é uma característica das contemporâneas organizações da sociedade civil, institucionalizadas ou não, e das grandes mobilizações da esfera pública que reúnem tanto organizações, quanto movimentos sociais e simpatizantes em torno de uma demanda que exige pressão política e visibilidade, utilizando a internet como forma de mediação entre participantes (Scherer-Warren, 2006).

A rede também pressupõe a pluralidade, o que converge com o perfil das jovens que a constituíam parte das independentes às vinculadas a algum tipo de organização, de todas as raças, orientações sexuais, local de moradia ou origem. Esta marca estende-se até a afirmação de seu caráter democrático, suprapartidário e não confessional, demarcando como requisito da organização, um grau de independência mesmo que, individualmente ou pessoalmente, estejam relacionadas a orientações políticas e partidárias, que não compõem a base das jovens enquanto grupo.

Ser uma rede é também estar disposto a tecer, a ser tecido, a entretecer, é inverter as lógicas de quem ensina e quem aprende, é colocar-se noutra lugar, de quem pode assumir a condição de aprendiz ou de quem ensina, de acordo com as especificidades do que está sendo tratado ou desenvolvido. Colocar-se como rede é assumir um dispor-se a trabalhar com o diferente, com o singular e com aquilo que está por vir, pois no ato de tecer, ser tecido e entretecer, o por vir é uma condição primeira já que não se pode supor um ponto de chegada, um fim.

Ao nomear-se como anticapitalista e não governamental, parecem indicar o vínculo aos movimentos antiglobalização¹⁰ que recusam o poder econômico, gestado no processo de globalização, suas alianças com o poder instituído que autoriza formas de exploração de suas riquezas, pessoas e solo, bem como a reivindicação de uma forma de gestão que parta do princípio da mobilização e participação popular. Neste sentido, recusam a noção de poder centralizado e externo, impermeável às demandas populares, ou as que não atentam para os efeitos negativos ou perversos sobre as populações.

Além disso, as jovens assumem a recusa a qualquer tipo de preconceito oriundo de uma hierarquização baseada no sexo, raça ou orientação sexual ao dizerem-se uma rede antirracista, antipatriarcal, antilesbofóbica e não sexista, além de opor-se ao poder que se origina de um pressuposto etário, quando afirmam seu caráter não adultocêntrico.

Com esta posição afirmam que a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)

Constitui-se como espaço importante de diálogo e empoderamento das mulheres jovens, sobretudo o fortalecimento à participação política e cidadã, defesa dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, reafirmando acordos e tratados ratificados pelo Brasil.

¹⁰ Sobre a relação entre juventude e movimentos antiglobalização consultar Sousa (2008).

Assim, assumem uma posição enquanto grupo geracional. São jovens, querem ser reconhecidas como grupo geracional, com potencialidade para contribuir na construção de uma sociedade solidária e que respeite as diferenças, como singularidades, sem transformá-las em desigualdades, a partir luta contra as injustiças de gênero. Neste sentido, parecem atender ao que Fraser (2007) denomina, como terceira fase da segunda onda do feminismo.

Segundo a autora, da posição de desafio das estruturas e da atenção dos problemas da distribuição após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo aproximou-se do debate sobre a cultura e a política de identidade, reinventando-se como política de reconhecimento, para na terceira fase associar redistribuição, reconhecimento e representação. Isto significa assumir uma posição de oposição ao poder do neoliberalismo, de Estados, empresas, organizações, investidores, credores, especuladores econômicos e todos os tipos de corporações transnacionais, afirmando que as demandas feministas estão contemporaneamente alinhando redistribuição, reconhecimento, a práticas contestatórias que contribuam para alterar esse quadro, conduzindo a interpretação de que é necessário realizar ações globais contra a produção transnacionalizada.

O realinhamento do feminismo, nestes termos, articula uma nova fase do feminismo, que por sua vez realinha a justiça de gênero, onde a “preocupação maior é com o desafio às injustiças - interligadas - de má distribuição e não reconhecimento. Acima e além dessas formas de injustiça, feministas estão mirando uma meta-injustiça” (Fraser, 2007, p.304).

A Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, que em uma leitura apressada e adultocêntrica pode parecer uma lista de oposições sem um fio condutor, na verdade constitui um conjunto de interpretações que relaciona diferentes formas de opressão e segregação, perfiladas com o novo feminismo. Na primeira diretriz afirmam seu posicionamento:

Garantia dos direitos humanos das mulheres jovens, buscando a eliminação das desigualdades geracionais, de gênero, classe, raça/etnia, de orientação afetivo-sexual, de diversidade religiosa e de pessoas com deficiência e regionalidades.

Um ano depois do lançamento da carta, a logo do grupo é utilizada pela primeira vez no blog, compondo o cabeçalho do documento Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do CONJUVE 2009:

Figura 1: Logo da Articulação Brasileira de Jovens Feministas



Fonte: dialogoj.

A logo é formada por quatro bonecas, tendo a sigla Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) no centro e, a direita da imagem, o nome do grupo por extenso. Cada boneca recebeu uma cor diferente e sua disposição compõe um círculo, em torno da sigla. O encontro dos braços das bonecas

constrói um losango. Um retângulo pode ser identificado a partir das extremidades da logo incluindo os elementos textuais.

Por um lado, a imagem faz alusão à bandeira brasileira, a partir das figuras geométricas utilizadas círculo, losango e retângulo, os mesmos elementos que a compõem. Estes, utilizados numa disposição diferente, parecem indicar a necessidade de reordenamento da sociedade brasileira, no que se refere a reconhecer os direitos dos jovens e das mulheres. Por outro, a imagem indica a ideia de pluralidade e diversidade, como elemento constituinte do grupo, parecendo lembrar que qualquer mulher, independente de qualquer singularidade, pode vir a se associar ao grupo. Porém, o nome por extenso, anuncia os vínculos que unem em primeira instância suas participantes: jovens, feministas e brasileiras.

O *post* de 17 de dezembro de 2009, apresenta como resultado das ações do grupo, especificamente no sentido de incluir as especificidades das jovens mulheres no Conselho Nacional de Juventude, a eleição de jovens feministas para ocupar duas cadeiras no conselho, no biênio 2011 – 2012. A postagem destaca que as representantes terão como “desafio assegurar a incorporação das dimensões de gênero nas políticas de juventude com especial atenção as resoluções da I Conferência Nacional de Juventude”¹¹, resgatando a 11ª prioridade da primeira conferência¹², que se refere a implementação de políticas públicas de promoção dos direitos sexuais e reprodutivos das jovens mulheres “garantindo mecanismos que evitem mortes maternas, aplicando a lei de planejamento familiar, garantindo o acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto”¹³.

Neste sentido, pode-se afirmar que o grupo assume o compromisso de, ao mesmo tempo em que contesta as injustiças de gênero, promover um deslocamento no instituído, afirmando o papel das jovens mulheres na construção da justiça social.

Considerações Finais

A partir da análise destes documentos duas orientações coletivas podem ser delineadas: enfrentar o sexismo no interior da organização da juventude brasileira e criticar a visão adultocêntrica do movimento feminista.

Assim, de um lado recusam a universalidade do sujeito e a universalidade da mulher, assumindo a atitude de denúncia e provocação dos seus pares, em termos geracionais, bem como das práticas de segregação com base na distinção de sexo. Por outro, declaram-se feministas mesmo que tenham a chance de não ser reconhecidas como tal, por serem jovens.

São mulheres e querem ser reconhecidas como grupo geracional, jovens com potencialidade para contribuir na construção de uma sociedade solidária e que respeite as diferenças como singularidades, sem transformá-las em desigualdades, dispondo-se a lutar contra as injustiças de gênero.

A ênfase nas duas condições, gênero e geração, a identificação de sua dupla condição, anuncia uma concepção que reconhece singularidades, anuncia tensões e sustenta o lugar de onde falam. São jovens. São mulheres.

¹¹Trecho extraído do *Post* “Jovens feministas intervindo nas políticas públicas”, de 17 de dezembro de 2009, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2009/12/17/847/>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2010.

¹²A lista com as 22 prioridades podem ser acessadas em: <http://secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/1aConf_22Prioridades.pdf>.

¹³Anexo 3.

Referências

- Bassalo, L. M. B. (2012) *Entre sentidos e significados: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas*. 2012. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Brasil. Recuperado em 20 de março de 2013, de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12844/1/2012_LuceliaMoraesBragaBassalo.pdf
- Belmonte, Juan Antonio Taguenca (2009, janeiro/março). El concepto de juventud. *Revista Mexicana de Sociología* 71 (1), 159-190. Recuperado em 12 de outubro de 2010, de <http://www.ejournal.unam.mx/rms/2009-1/RMS009000105.pdf>
- Bohnsack, R. & Weller, W. (2011). O método documentário na análise de grupos de discussão. In: Weller, Wivian; Pfaff, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Castells, M. (2006). *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006. Recuperado em 15 de Abril de 2009, de <http://wiki.softwarelivre.org/Blogs/BlogPostMarceloBranco20070307101822>
- Dayrell, J. (2003, setembro/outubro/novembro). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 40-52.
- Duarte Quapper, K. (2000). ¿Juventud o Juventudes?: Acerca de cómo mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. *Ultima década*, 8(13), 59-77. Recuperado em 03 de janeiro de 2012, de <http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>
- Fraser, N. (2002, outubro). A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Universidade de Coimbra, 63, 7-20. Recuperado em 28 de setembro 2008 de http://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=788&id_lingua=1.
- Gil, Á. R. (2010, março). Generación digital: patrones de consumo de Internet, cultura juvenil y cambio social. *Revista de Estudios de juventud*, 88, 201-221. Recuperado em 23 de setembro de 2010, de <http://www.injuve.mtas.es/contenidos.downloadatt.action?id=290289448>
- Harcourt, Wendy (2005, janeiro/julho). Cyberspace as a networking tool for feminists. *Labrys-estudos feministas*. Recuperado em 09 de outubro de 2011, de <http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys7/cyber/wendy.htm>
- Mannheim, K. (1993, abril/junho) El problema de las generaciones. *REIS - Revista española de investigaciones sociológicas*, Madrid, España, 62, 193-242. Recuperado em 15 de janeiro de 2010, de http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_062_12.pdf
- Weller, W. et al (2002, julho/dezembro). Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, XVIII (2) 375-396.
- Weller, W. (2005, janeiro/junho). A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, 7 (13) 260-300.
- Weller, W. (2007). Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE). Recuperado em 15 de abril de 2008, de <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.23.%20mannheim%20sobre%20sociologia%20da%20juventude.pdf>

Weller, W. (2010). A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, 25 (2) 205-224.

Scherer-Warren, I. (2006, abril). Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, 21(1), 109-130.